

MULHER TEM DIA CONTRA VIOLÊNCIA

Como todo discrimina- do, a mulher também tem um dia especial para protes- tar contra a violência: 25 de novembro, Dia Interna- cional da Não-Violência con- tra a Mulher, instituído em julho de 1981, em homena- gem às irmãs Patria, Minerva e Maria Tereza Mirabel, assassinadas pela ditadura costa-riquenha.

No dia-a-dia a violência contra mulheres continua sendo a prova mais covar- de do machismo da socieda- de. Os números — nunca precisos, porque a maioria

dos casos é abafada — dão uma nova noção da gravida- de do problema. Segundo dados do livro *Mulheres espancadas: a violência denunciada*, de Maria Amélia Azevedo, foram registrados em boletins de ocorrência 2.316 casos de espancamento em São Paulo, só em 1981.

Também em São Paulo, em apenas nove meses, de janeiro a setembro de 1987, houve 1.751 assassinatos de mulheres. Os maiores nú- meros estão nas zonas Leste e Sul. Apenas seiscentos desses casos foram esclareci-

dos, de acordo com a publi- cação do jornal *Metro News*.

Mas a violência física não é o único meio de mos- trar as relações desiguais. Toda discriminação é consi- derada violência: a educa- ção diferenciada, menos oportunidade de emprego, discriminação salarial, não-reconhecimento da inteligên- cia feminina etc. Sem falar das famosas “passadas de mão”, assobios e chacotas. “Nosso papel é estar denun- ciando permanentemente”, diz Ezir Mirian Pedroso de Paiva, da Rede Mulher.

